

Três trens

Adílson Citelli

*Professor livre-docente no Departamento de Comunicações e Artes da ECA-USP e chefe do Departamento de Comunicações e Artes.
E-mail: citelli@uol.com.br*

Os três números anteriores da revista *Comunicação & Educação* propuseram aos leitores acompanhar determinados processos de apropriação intertextual que podem marcar a produção poética. Neste número trataremos de experiência semelhante, porém distinta em seus mecanismos de passagem entre as diferentes discursividades que circundam a arte e a literatura.

Juntamos três poetas cujos textos fazem referência imediata ao trem. Este elemento temático é desdobrado, certamente, sob compreensões múltiplas, ganhando tonalidades distintas que revelam o modo de cada autor trabalhar o material poético. É curioso observar, contudo, como Solano Trindade, Ascenso Ferreira e Manuel Bandeira, os nossos três condutores nesta edição, acentuaram nos poemas transcritos a seguir o movimento que aproxima aos sons do trem os arranjos fônicos e fonéticos ajustados à seqüência dos versos. Ademais, os poemas “Tem Gente com Fome”, “Trem das Alagoas” e “Trem de Ferro”, exatamente pelo ritmo que apresentam, permitiram a músicos como Ney Matogrosso (Secos e Molhados), Villa Lobos (a se ouvirem os caipiríssimos trezinhos), Alceu Valença (na composição “Vou me Embora pra Catende”) e Antônio Carlos Jobim (no diálogo com Manuel Bandeira) realizarem marcantes *transcrições* musicais. Ou seja, verificamos, agora, um jogo não apenas intertextual, mas também entre séries discursivas diversas: referentes ao plano verbal (com sua evidente musicalidade) e ao musical (notas, instrumentos, arranjos melódicos, harmonias etc.).

Faremos a seguir uma sumária localização dos poetas, seguida do texto objeto de nosso interesse.

Solano Trindade nasceu no dia 24 de julho de 1908 e morreu no Rio de Janeiro em 19 de fevereiro de 1974. Negro, de origem simples, filho de pai sapateiro, viria a se constituir num dos mais respeitados agitadores culturais brasileiros. Desde 1934, quando participou do I e II Congresso Afro-brasileiro, realizados no Recife e em Salvador, respectivamente, Solano tornar-se-ia um importante nome nas artes e na política do País. Ao mudar-se para o Rio de Janeiro, nos anos 1940, junto com Abdias Nascimento e Haroldo Costa, passou a desenvolver marcante trabalho no teatro, ajudando a criar o Teatro Experimental do Negro. Por sua militância no Partido Comunista Brasileiro, foi preso em 1945 durante a repressão desencadeada pelo governo Dutra. Em 1967 mudou-se para a cidade do Embu, próxima de São Paulo, transformando-a num pólo cultural da arte brasileira. Foi ator, poeta e liderança no movimento negro.

O grupo musical Secos & Molhados e Ney Matogrosso musicaram o texto de Solano Trindade.

TEM GENTE COM FOME¹

Trem sujo da Leopoldina,
correndo, correndo,
parece dizer:
tem gente com fome,
tem gente com fome,
tem gente com fome...

Piiii

Estação de Caxias,
de novo a correr,
de novo a dizer:
tem gente com fome,
tem gente com fome,
tem gente com fome...

Vigário Geral
Lucas, Cordovil
Brás de Pina
Penha Circular
Estação da Penha
Olaria, Ramos
Bom Sucesso
Carlos Chagas
Triagem, Mauá.
Trem sujo da Leopoldina,
correndo, correndo,
parece dizer:
tem gente com fome,
tem gente com fome,
tem gente com fome...

Tantas caras tristes
querendo chegar
em algum destino,
em algum lugar...

Trem sujo da Leopoldina,
correndo, correndo,
parece dizer:
tem gente com fome,
tem gente com fome,
tem gente com fome...

Piiii

Só nas estações,
quando vai parando,
lentamente começa a dizer:
se tem gente com fome,
dá de comer,
se tem gente com fome,
dá de comer,
se tem gente com fome,
dá de comer..
Mas o freio de ar,
todo autoritário,
manda o trem calar:
psiuuuuuuuuuuu.

Ascenso Carneiro Gonçalves Ferreira nasceu em Palmares, Pernambuco, em 1895. Esteve entre os agitadores da Semana de Arte Moderna de 1922. Morreu no Recife em 5 de maio de 1965. Dotado de veia irônica, o poeta escreveu um dos textos mais satíricos da literatura brasileira, o poema “Filosofia”: “Hora de comer – comer! / Hora de dormir – dormir! / Hora de vadiar – vadiar! / Hora de trabalhar? – Pernas pro ar que ninguém é de ferro!”.

O poema “Trem das Alagoas” recebeu tratamento musical de Villa Lobos e Alceu Valença.

1. Do livro *Poemas de uma vida simples*, de 1944. Para mais informações: <<http://www.quilombhoje.com.br/solano/solanotrindade.htm>>.

TREM DAS ALAGOAS²

O sino bate,
o condutor apita o apito,
Solta o trem de ferro um grito,
põe-se logo a caminhar...

– Vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende
com vontade de chegar...

Mergulham mocambos,
nos mangues molhados,
moleques, mulatos,
vêm vê-lo passar.

– Adeus!
– Adeus!

Mangueiras, coqueiros,
cajueiros em flor,
cajueiros com frutos
já bons de chupar...

– Adeus morena do cabelo cacheado!

Mangabas maduras,
mamões amarelos,
mamões amarelos,
que amostram molengos
as mamas macias
pra a gente mamar

– Vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende
com vontade de chegar...

Na boca da mata
há furnas incríveis
que em coisas terríveis
nos fazem pensar:

Manuel Carneiro de Souza Bandeira Filho nasceu no Recife, em 19 de abril de 1886, e morreu no Rio de Janeiro, em 13 de outubro de 1968. Em 1903, em São Paulo, iniciou o curso superior na Escola Politécnica, com o propósito

– Ali dorme o Pai-da-Mata!
– Ali é a casa das caiporas!

– Vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende
com vontade de chegar...

Meu Deus! Já deixamos
a praia tão longe...
No entanto avistamos
bem perto outro mar...

Danou-se! Se move,
se arqueia, faz onda...
Que nada! É um partido
já bom de cortar...

– Vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende
com vontade de chegar...

Cana caiana,
cana roxa,
cana fita,
cada qual a mais bonita,
todas boas de chupar...

– Adeus morena do cabelo cacheado!

– Ali dorme o Pai-da-Mata!
– Ali é a casa das caiporas!

– Vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende
com vontade de chegar

2. FERREIRA, Ascenso
Carneiro Gonçalves.
Cana-caiana. Rio de
Janeiro: José Olympio,
1939. p. 65.

de se tornar arquiteto. Um ano depois, com diagnóstico de tuberculose, vai para o Rio de Janeiro e, tempos depois, busca tratamento na Suíça. Com a eclosão da guerra de 1914, volta ao Brasil. Passa a se corresponder com Mário de Andrade e liga-se aos modernistas: o seu poema “Os Sapos” foi lido por Ronald de Carvalho na célebre semana de 1922, ocorrida no Teatro Municipal. Em 1924 publica seu primeiro livro, *Poesias*, seguido de *O ritmo dissoluto*. Em anos posteriores, produz uma série de livros que farão de Bandeira um dos maiores nomes da poesia brasileira. Seu poema “Trem de Ferro” foi musicado por Antônio Carlos Jobim.

TREM DE FERRO³

Café com pão
Café com pão
Café com pão

Virge Maria que foi isto maquinista?

Agora sim
Café com pão
Agora sim
Café com pão

Voa, fumaça
Corre, cerca
Ai seu foguista
Bota fogo
Na fornalha
Que eu preciso
Muita força
Muita força
Muita força
(trem de ferro, trem de ferro)

Oô...
Foge, bicho
Foge, povo
Passa ponte
Passa poste
Passa pasto
Passa boi
Passa boiada
Passa galho
Da ingazeira

Debruçada
No riacho
Que vontade
De cantar!

Oô...
(café com pão é muito bom)

Quando me prendero
No canaviá
Cada pé de cana
Era um oficiá
Oô...
Menina bonita
Do vestido verde
Me dá tua boca
Pra matá minha sede
Oô...
Vou mimbora vou mimbora
Não gosto daqui
Nasci no sertão
Sou de Ouricuri
Oô...

Vou depressa
Vou correndo
Vou na toda
Que só levo
Pouca gente
Pouca gente
Pouca gente...
(trem de ferro, trem de ferro).

3. BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. p. 145-146.